

## Nota dos Editores

**Manuel Deniz Silva**

**Ivan Moody**

**C**OM ESTE OITAVO VOLUME DA NOVA SÉRIE da *Revista Portuguesa de Musicologia*, chega ao fim o mandato da presente equipa editorial. Neste momento em que vamos passar o testemunho, são vários os agradecimentos que gostaríamos de deixar expressos: aos representantes da SPIM, do CESEM e do INET-md, pela confiança que sempre em nós depositaram; aos editores da secção de recensões, Luísa Cymbron e Ricardo Pinheiro, cúmplices constantes nesta aventura; aos diversos colegas que nos ajudaram na revisão linguística dos textos, com particular destaque para a nossa colega Adriana Latino; e enfim, muito especialmente, à assistente editorial Luísa Fonte Gomes, sem a qual esta jornada não teria sido possível. Ao longo deste percurso, foram muitas as dificuldades, as contrariedades e as hesitações, mas foi sempre com entusiasmo e dedicação que fomos aprendendo a superar os obstáculos e a fabricar em conjunto este projecto editorial, na convicção de que a nossa comunidade merece uma revista de investigação em música alicerçada nos mais elevados critérios de rigor e exigência científica.

Na nota editorial ao sexto volume, esboçámos já um primeiro balanço do caminho percorrido, sublinhando as linhas que orientaram esta nova série desde o seu início: organizar a *RPM* segundo as melhores práticas das publicações científicas internacionais; respeitar a diversidade de orientações metodológicas e disciplinares que dão vida ao nosso campo disciplinar; defender a produção musicológica em língua portuguesa e a abertura da nossa comunidade ao espaço lusófono e ibero-americano. Nestes dois últimos volumes, prosseguimos com a organização de números temáticos, como o que dedicámos a José Viana da Mota, coordenado por Luísa Cymbron e Christine Wassermann Beirão, retomámos a articulação estreita com as actividades da SPIM, através da publicação da conferência apresentada por Gabriela Cruz enquanto oradora convidada do ENIM 2018, e prestámos uma particular homenagem ao nosso colega Francesco Esposito, precocemente desaparecido em 2020. Ensaíamos, igualmente, novos formatos de publicação, nomeadamente através

da edição do catálogo de «danças francesas» organizado por Andrew Woolley, uma iniciativa inédita na história da *RPM*.

Este número traz ainda uma outra novidade, a abertura de um espaço de diálogo nas páginas da revista, com a publicação de uma carta que nos foi enviada por Bruno Caseirão, reagindo à recensão do seu livro *O essencial sobre Viana da Mota* no volume 7/2 (2020). Nessa recensão, Maria José Artiaga insistiu que, mesmo no contexto de obras de divulgação para públicos mais alargados, a informação sobre questões musicais deve sempre ser tratada «à luz dos dados mais actuais, com rigor crítico, sustentado no conhecimento histórico que foi sendo produzido». Trata-se de uma questão crucial para a nossa comunidade de investigadores, ainda insuficientemente discutida e à qual esta revista não deve permanecer alheia. Enquanto espaço de referência para a reflexão sobre a investigação em música em Portugal, a *RPM* deve afirmar-se também como uma plataforma aberta à polémica e ao debate de ideias.

O presente número, apesar de não constituir um dossier temático, apresenta um conjunto de artigos de assinalável coerência, constituído por diversos estudos de caso sobre a música em Portugal entre os séculos XII e XVIII. No primeiro artigo, Océane Boudeau propõe uma análise do repertório de Aleluias do ms 2637 da Biblioteca General Histórica de Salamanca, datável da segunda metade do século XII ou do início do século XIII. A autora mostra como neste Missal se cruzam diversas tradições, sublinhando a complexidade da introdução do rito romano-franco na Península Ibérica. Por seu lado, João Pedro d'Alvarenga realiza um estudo paralelo de dois fragmentos oriundos das Sés de Coimbra e Braga, do início do século XIII, discutindo a sua origem, datação e filiação litúrgica, através da análise das suas particularidades da notação, da escolha de textos e das tradições e idiomas melódicos. No artigo seguinte, Carla Crespo apresenta as melodias de Kyrie recolhidas em quarenta e cinco fontes manuscritas de cantochão, produzidas em Portugal entre 1400 e 1650, procurando perceber a forma como este canto foi adoptado e como depois circulou pelo país. Tiago Simas Freire interessa-se pelas descrições das características vocais dos cónegos cantores do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra nos obituários e crónicas dos séculos XVI e XVII, comparando-as com os critérios vocais presentes em fontes europeias da mesma época e deixando um convite aos intérpretes actuais para que se aproximem das fontes originais e da «estética vocal» da época, em particular no que se refere à ornamentação. Mafalda Nejmeddine aborda o repertório para tecla de Pedro António Avondano, descrevendo as suas características formais e estilísticas, o que lhe permite identificar algumas particularidades da escrita deste compositor no contexto da música portuguesa do século XVIII. Por último, Tiago Manuel da Hora esboça a biografia do movimento da música antiga em Portugal, identificando as suas principais fases e as diferentes gerações de protagonistas, assim como o impacto que as abordagens interpretativas assentes no estudo das fontes históricas e no recurso a instrumentos da época tiveram na prática da música erudita ao longo do século XX e no início do XXI.

Por fim, cumpre-nos desejar as melhores felicidades à próxima equipa editorial, que em breve será oficialmente anunciada pela direcção da revista e que terá como missão responder aos desafios que a consolidação deste projecto implica, tanto ao nível da regularidade de publicação, da gestão do fluxo de artigos, da transição prevista para um novo *site* e da eventual reformulação da sua identidade gráfica, como da concretização da muito esperada indexação da nossa revista nas principais listas internacionais de periódicos científicos. É uma nova etapa que começa na vida da *RPM*, na qual poderão contar com a nossa sempre empenhada colaboração, assim como, estamos certos, com o compromisso e o reconhecimento de toda a comunidade de investigadores em música.

